



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

CARTOGRAFIAS IMAGÉTICAS DO LUGAR: POSSIBILIDADES DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO

Irêndy Araújo de Souza¹; Cléa Cardoso Rocha²

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail irendysouza12@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccrocha@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias imagéticas; Ensino de Geografia; Lugar

INTRODUÇÃO

A cartografia de experiências, proposta neste trabalho, ultrapassa os conceitos tradicionalmente desenvolvidos pela geografia escolar, estabelecendo relações com a subjetividade e as percepções dos estudantes, de modo que cartografar produza sentido. O objetivo central foi discutir a construção do conceito de lugar por alunos do ensino fundamental e médio a partir da cartografia imagética e sensível das experiências, considerando que esses sujeitos vivenciam a cidade em seu cotidiano, observam situações no espaço e experienciam diferentes ambientes urbanos. A cartografia sensível corresponde ao que nos afeta e nos atravessa, associando-se a percepções, sensações e afetos que compõem as trajetórias de vida. Conforme Deleuze e Guattari (1992; 1995), essas experiências se manifestam em expressões subjetivas oriundas da interação com a paisagem, o ambiente e o lugar, contemplando uma diversidade que estabelece fronteiras indeterminadas. Nessa perspectiva, a cartografia constitui-se como dispositivo capaz de incorporar sentimentos, cheiros, memórias e afetos, gerando trajetórias heterogêneas e abertas. O plano de trabalho articula-se ao Projeto de Pesquisa Carta-Imagem: uma cartografia de experiências imagéticas, cujo propósito é refletir sobre como os aspectos geográficos, históricos e culturais da cidade de Feira de Santana despertam nos estudantes experiências formadoras da identidade local.

A escolha do tema justificou-se pela necessidade de ampliar as abordagens sobre o conceito de lugar no ensino de Geografia, ultrapassando a visão meramente técnica e objetiva presente nos livros didáticos e contemplando também as experiências sensíveis dos estudantes. A escola, enquanto espaço formativo, deve dialogar com a vivência cotidiana dos sujeitos, valorizando percursos, percepções, memórias e afetos como elementos fundamentais para a construção de identidades e para a compreensão crítica do espaço geográfico. Inspirando-se em Paulo Freire, compreende-se que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 11), reforçando que a educação deve partir das experiências concretas dos estudantes para construir saberes significativos. De modo complementar, Yi-Fu Tuan (1983) destaca que o espaço se transforma em lugar quando impregnado de significado, sendo a experiência vivida e os laços afetivos elementos centrais para que um espaço seja reconhecido como lugar, evidenciando a importância da toponímia na compreensão subjetiva do espaço.

Ao articular as perspectivas Deleuze, Freire e Tuan a cartografia de experiências imagéticas mostra-se pertinente, pois possibilita que os estudantes atribuam sentido à cidade que habitam, fortalecendo vínculos com o espaço vivido. Além disso, a pesquisa propôs estratégias pedagógicas, como oficinas para mapeamentos sensíveis favorecendo um processo de ensino-aprendizagem participativo, conectado à realidade dos alunos, contribuindo para a construção da identidade local e para a formação docente. Por fim, destaca-se a relevância social do trabalho, que visa fornecer materiais didáticos de apoio acessíveis, promovendo a valorização da Geografia enquanto ciência capaz de articular razão, sensibilidade e experiência.

MÉTODOS

A metodologia da pesquisa foi de natureza qualitativa, fundamentada na cartografia imagética e sensível. Incluiu revisão bibliográfica, estudos junto ao grupo de pesquisa e foi desenvolvida em escolas públicas parceiras, especialmente no Colégio da Polícia Militar da Bahia Diva Portela. As etapas envolveram observações, aplicação de formulários diagnósticos, levantamento de trajetos cotidianos dos estudantes, elaboração de mapas, seguidos da realização de oficinas para discutir percepções dos estudantes sobre a cidade e o trajeto que fazem de casa até a escola bem como o conceito de lugar. Por fim, foi proposta uma atividade de mapeamento das relações e sentimentos dos estudantes em seu lugar de vivência ao que se seguiu a sistematização e interpretação dos dados que poderão subsidiar a produção de materiais de apoio didático voltados ao ensino do conceito de lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa-ação foi desenvolvida com 30 estudantes do 3º ano do ensino médio, majoritariamente do gênero feminino (22), com idade predominante de 17 anos (26) e residentes em Feira de Santana-BA ou municípios vizinhos. A metodologia incluiu questionários diagnósticos e oficinas de mapeamento afetivo, visando analisar as percepções dos jovens sobre seu território.

Perfil e Deslocamento: Identificou-se predominância no uso de transporte privado (carro/van), sugerindo determinado perfil socioeconômico e influenciando diretamente a experiência do trajeto.

Compreensão Conceitual: As respostas sobre "lugar" revelaram um espectro que vai do senso comum a noções sofisticadas de espaço humanizado e simbólico, com dificuldades significativas na formalização acadêmica desses conceitos.

Percepção do Trajeto: O percurso casa-escola foi descrito como um espaço-tempo de transição, marcado por dualidades – cansaço/tranquilidade, rotina/reflexão – e sensorialidade intensa, com destaque para o impacto negativo de cheiros (lixão, esgoto) e sons do trânsito.

Mapas como Expressão Subjetiva: A produção dos mapas afetivos revelou uma lógica simbólica que substitui a precisão cartográfica por uma "paleta afetiva", onde cores e símbolos codificam emoções. Elementos como praças, comércios e casas de amigos foram destacados seletivamente, conforme seu significado afetivo.

Narrativas Espaciais e Crítica Urbana: Os mapas incorporaram micro-narrativas que transformam o espaço geométrico em biográfico, revelando o trajeto como palco de socialização e construção identitária. Simultaneamente, demonstraram consciência crítica sobre problemas urbanos (buracos, iluminação, segurança), funcionando como diagnósticos qualitativos da infraestrutura urbana.

Os resultados confirmam que os mapas de subjetividades funcionam como ponte metodológica eficaz para traduzir conhecimentos intuitivos em expressão geográfica formal, revelando uma geografia vivida onde dimensões afetivas e críticas se entrelaçam na experiência urbana dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A pesquisa demonstrou claro potencial educativo e social com especial ênfase no desenvolvimento das oficinas ao permitir que os estudantes externalizassem suas percepções sobre o lugar, desenvolvessem uma consciência crítica acerca do ambiente urbano e valorizassem seus aspectos simbólicos e relacionais. Além disso, os mapas produzidos emergiram como potenciais instrumentos de diálogo, podendo mediar conversas entre a escola e a comunidade em prol de melhorias tanto urbanas quanto afetivas no espaço compartilhado.

Esta pesquisa permitiu chegar a conclusões significativas sobre a experiência urbana dos jovens estudantes. Em primeiro lugar, constatou-se que os alunos possuem um conhecimento intuitivo e rico sobre seu lugar de vivência, mas encontram dificuldades em traduzi-lo para a linguagem acadêmica formal da Geografia. Neste contexto, a elaboração de "mapas de subjetividades" se mostrou uma ponte metodológica eficaz para conectar essas duas esferas de conhecimento.

A análise revelou uma cidade dual na percepção dos discentes: Feira de Santana é simultaneamente um espaço de rotina cansativa e problemas urbanos – como buracos, trânsito e o lixo – e um local carregado de afeto, familiaridade e pequenos marcos de tranquilidade e beleza. Essa dualidade se manifesta com particular intensidade no trajeto para a escola, que se revelou muito mais do que um mero deslocamento, constituindo-se como um espaço-tempo de transição onde emoções como sono, cansaço, paz e reflexão sobre a vida se fazem presentes.

A formação dessa experiência é profundamente marcada por uma sensorialidade impactante, na qual cheiros (especialmente os desagradáveis) e sons (do trânsito caótico ou da música nos fones de ouvido) emergem como elementos cruciais na construção cotidiana do urbano para esses jovens. Por fim, conclui-se que a combinação entre a falta de familiaridade com a metodologia dos "mapas de subjetividades" e a riqueza e variedade das percepções relatadas posiciona estes estudantes como sujeitos ideais para este tipo de investigação, evidenciando o enorme potencial da abordagem para

desvendar camadas subjetivas do espaço geográfico frequentemente negligenciadas pelos métodos tradicionais. Esta cartografia íntima nos convida a repensar o ensino de cartografia destacando a necessidade de incorporar a escuta sensível e a percepção dos jovens na construção do conhecimento cartográfico e produção de sentidos sobre o espaço tornando-o mais significativo para todos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original *La production de l'espace*. 4ª. Ed. Paris: Editions Anthropos, 2000).

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.